

Ministério da Cultura
e Associação Casa Azul
apresentam

Manual FlipZona 2025

FLIPZona

Editorial

Literatura jovem como travessia de mundos

A FlipZona nasce da escuta. Escuta dos jovens, de suas urgências, suas dores, seus desejos. Em 2025, mais do que nunca, essa escuta é essencial para imaginarmos um *Planeta Vivo* – não como um ideal distante, mas como um espaço possível, habitável e múltiplo, onde as juventudes sejam reconhecidas em sua potência.

Este manual é uma declaração de confiança: acreditamos na literatura feita por, para e com jovens como lugar legítimo de criação, reflexão e reinvenção. Não se trata de uma "etapa de preparação" para a vida adulta, mas de uma expressão profunda de tudo aquilo que pulsa no presente.

Para construir a FlipZona deste ano, perguntamos às juventudes de Paraty: que autor ou autora tem a cara da sua geração? Dessa escuta emergiram nomes, temas e encontros que atravessam a cidade e a Festa com intensidade e pertencimento. São rodas de conversa, oficinas criativas e experiências literárias que colocam os jovens como protagonistas e mediadores de sua própria história.

Esperamos que este material seja uma ferramenta viva, aberta ao diálogo, à

escuta e à invenção. Que ele acompanhe professores e estudantes na travessia da leitura como experiência compartilhada — um lugar onde as margens se encontram, onde o silêncio se transforma em palavra e onde a literatura pulsa como semente de futuro.

Belita Cermelli

Diretora de Cultura e Educação da Flip

Introdução

Olá, professora. Olá, professor.

Este não é um manual comum. Na verdade, é um convite.

Um convite para abrir espaço para que a literatura feita por e para jovens respire na escola, seja vista com mais compreensão, mais escuta, mais curiosidade e mais coragem. Porque aqui, na **FlipZona**, a gente acredita, de corpo e alma, que a literatura que o jovem lê (e produz) não é "ensaio" para a literatura adulta. Ela, por si só, é energia que vibra — e encontros. Com personagens irrequietos, carregados de dúvidas escancaradas, de silêncios, intensidades, aflições, cães de saudade, noites sem luz e beijos que permanecem para sempre. Uma literatura que não espera a maturidade para ser profunda, para carregar sentidos.

Sabemos que, por vezes, essa produção é vista com desconfiança. Mas quem vive a juventude sabe que ela é tudo, menos rasa. É o momento em que se grita, se cala, se tenta, se sonha, se vê e se revê. Há muito mais ali, para fazer desabrochar um mundo inteiro.

É por isso que nós, do Educativo Flip, desenhamos os **Encontros Literários FlipZona** com tanto cuidado, como espaços abertos para que as juventudes de Paraty sejam realmente protagonistas em nossa festa literária, atuando tanto na escolha de autoras e autores convidados quanto nas mediações literárias, em conversas que abraçam questões reais dessa faixa etária: medos, pertencimento, desejo, escuta, identidades, linguagem.

Nos quatro capítulos a seguir, celebramos alguns desses encontros literários:

- **Ondjaki e António Jorge Gonçalves**, com histórias poético-visuais que falam de ternura e saudade em tempos de perda e conflito.
- **Gaël Faye**, que atravessa temas como migração, identidade e memória, com a potência da palavra ritmada, rap e literatura.
- **Sergio Vaz e Flavio de Araújo**, que fazem da poesia um ato de resistência e um abraço coletivo.

- **Raphael Montes e Mariana Salomão**
Carrara, autores que, embora com estilos bastante distintos, compartilham um espaço literário comum: o das marcas e feridas que nos moldam profundamente.

Essas obras não são apenas conteúdos para sua aula. São dispositivos para a formação crítica e empática dos estudantes para que possamos, juntos, refletir e imaginar outros mundos. Afinal, quando um jovem se vê dentro de uma narrativa, alguma coisa se move. E esse movimento pode ser o começo de uma linda travessia rumo à leitura.

Sabemos que o cotidiano escolar impõe pressa, metas, provas. Nesse processo, muitas vezes a literatura aparece como obrigação. Mas e se ela entrasse como lugar de reconhecimento, diálogo e experimentação? Se, em vez de "ensinar" sobre os livros, abrissemos espaço para que eles fossem vividos coletivamente?

Este caderno é uma tentativa de aceder a esse espaço. A literatura jovem, quando bem acolhida, torna-se ponte: uma ponte que liga a escola à descoberta da leitura, ao conhecimento e a diferentes visões de mundo.

Boa travessia.

Lucia Caetano

Coordenadora da FlipZona

Índice

Ondjaki

António Jorge Gonçalves

O tempo do cão

Uma escuridão bonita

Gaël Faye

Pequeno país

O tédio das tardes sem fim

Raphael Montes

Mariana Salomão Carrara

Jantar secreto

Não fossem as sílabas do sábado

Sérgio Vaz

Flávio de Araújo

O colecionador de pedras

Almanaque cabeça de maré

Zangareio



Ondjaki e António Jorge Gonçalves

Notas biográficas

Ondjaki nasceu em Luanda, Angola, em 1977. É prosador, poeta, cineasta e uma voz vibrante da literatura africana contemporânea, que nos cutuca o tempo todo. Escreve com delicadeza e sensibilidade sobre infância, guerra, amor, saudade e sonhos. Tem livros traduzidos para vários idiomas e mais de dez livros publicados pela Editora Pallas, no Brasil.

António Jorge Gonçalves nasceu em Lisboa, em 1964. É autor de novelas gráficas, performer visual e professor, bastante conhecido por seus desenhos vivos, potentes e simbólicos. António desenha como quem conta histórias, transformando palavras em imagens que nos fazem ver aquilo que está dito ou escondido. Organiza atividades e oficinas de desenho efêmero, desenho digital e no escuro. Em colaboração com Ondjaki também ilustrou

os livros *A bicicleta que tinha bigodes* e *O convidador de pirilampus*.

Juntos, Ondjaki e António formam uma dupla sensível e provocadora, que escancaram o poder da palavra e da imagem como formas de sentir, existir e resistir.

FlipZona estava lá!

Desde 2023 a FlipZona tem uma parceria com o FolioEduca, a plataforma educativa do **FOLIO – Festival Literário Internacional de Óbidos**, em Portugal. E a equipe **Foliowers-FlipZona**, que participou da 8ª edição do festival, entrevistou Ondjaki. Assista em: <https://youtu.be/hwGfwBNaV3w>

Livros em destaque: Convite à leitura



O tempo do cão (Editora Pallas, 2025)

Imagine um cão com saudade de um guerrilheiro. Ele dorme num país em guerra, à beira do lago Tanganica, no Congo. Uma guerra que ele não explica... sente! Esse é *O tempo do cão*, uma narrativa poética e visual que mistura delicadeza e crueldade, afeto e conflito.

As palavras de Ondjaki e as ilustrações de Gonçalves falam de luto, distância, violências, mas também de coragem, afeto e humanidade.

Por que trabalhar esse livro com jovens?

Além de belíssimo, poética e graficamente, o livro incentiva uma conversa sobre os medos do presente, as guerras visíveis e invisíveis que muitos adolescentes e jovens enfrentam, e a possibilidade de resistir sem perder o afeto e a humanidade. Um livro que pode abrir espaço para debates sobre violências, distanciamentos, saudade, memória e cuidados com aqueles que amamos.

Análise de conteúdo:

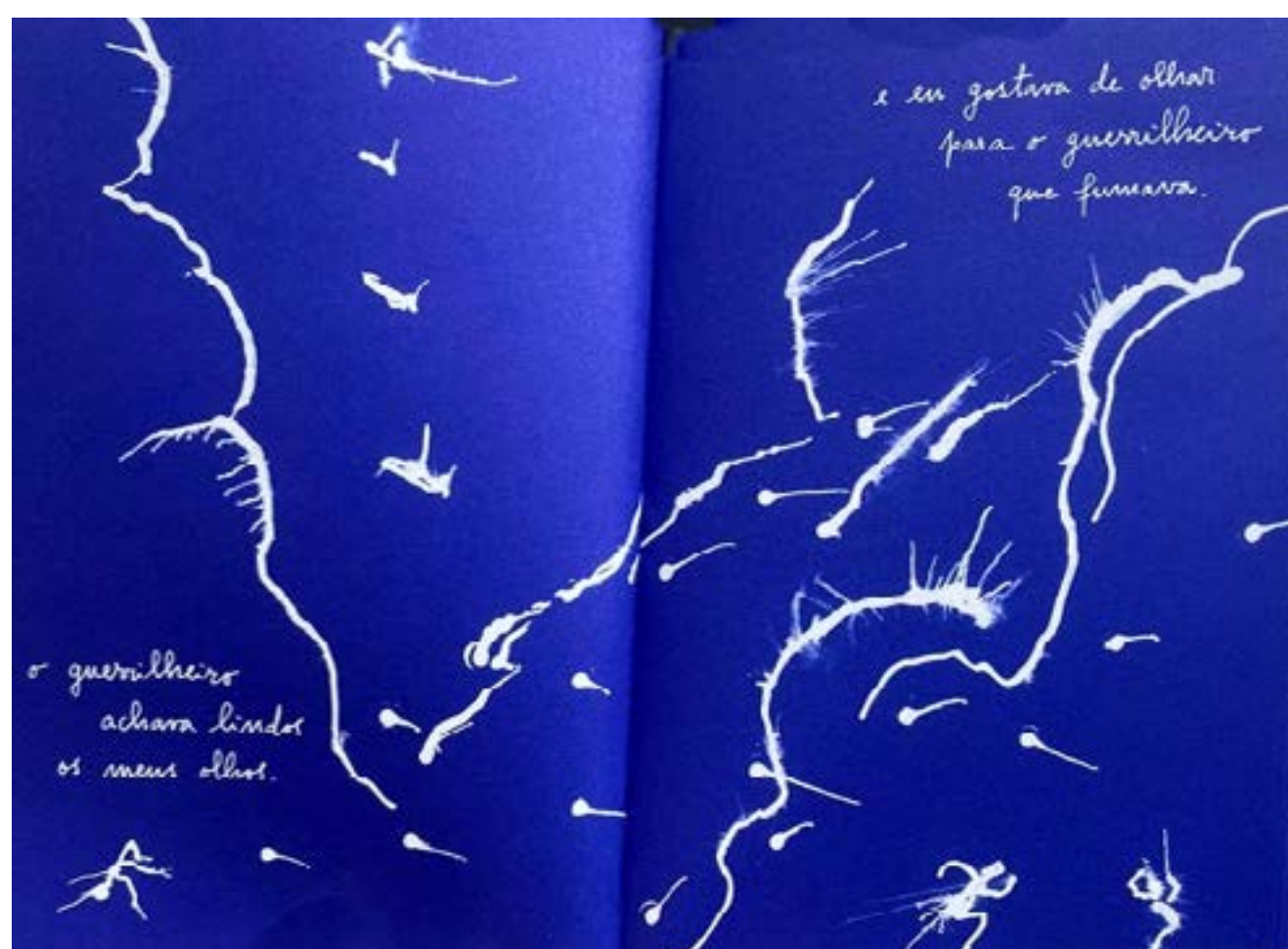
O livro ***O tempo do cão*** fala sobre temas difíceis como guerra, ausência, saudade, deslocamentos, porém sem usar uma linguagem direta ou descritiva. Em vez disso, o autor nos convida a sentir a guerra por dentro, acompanhando os sentimentos dos personagens. O narrador, em terceira pessoa, observa o mundo por meio das emoções do cão e do guerrilheiro Guevara, personagens de densidade política e simbólica. Não há explicações históricas nem datas: o leitor entra nesse universo pela sensibilidade dos gestos e dos afetos.

A linguagem é poética, com frases curtas e escolhas que valorizam o sentir mais do que o entender. Isso pode funcionar muito bem

com jovens leitores: em vez de apresentar um conteúdo duro de forma seca, o texto convida à empatia. Repare, por exemplo, *nas imagens abaixo*, como o cuidado do guerrilheiro com o cão aparece em detalhes simples – o modo como ele alimenta, protege. E, ao mesmo tempo, a passagem mostra a falta de recursos, a escassez, sem precisar dizer literalmente que aquilo que o cão come faltará aos guerrilheiros. Tudo é mostrado com sutileza. Isso ajuda a falar de violência sem traumatizar, o que é essencial quando trabalhamos com adolescentes.



As imagens de António Jorge Gonçalves não ilustram o texto ao pé da letra – elas criam outra camada de leitura. O cão aparece ora mais definido, ora quase dissolvido nos traços. Isso gera uma sensação de instabilidade, como se estivéssemos vendo o mundo pela ótica de quem vive o conflito. O uso de traços tremidos, manchas, cortes e sobreposição de elementos gráficos passa a ideia de confusão, medo e desorientação, sem que nada precise ser dito com palavras.



Acima, outro exemplo visual interessante: em algumas páginas, há explosões ou distorções no fundo, mas os personagens continuam ali, recuados, ajudando a mostrar que mesmo em um ambiente de guerra há espaço para o afeto e a resistência. Isso pode ser um ótimo ponto de conversa com os alunos: o que está acontecendo ali? O que a imagem está tentando nos dizer, que o texto não diz?

***Uma escuridão bonita* (Editora Pallas, 2013)**

Numa noite sem luz, dois adolescentes esperam o "cinema bu": um cinema que só acontece quando um carro passa com os faróis acesos e bem posicionados. Nesse intervalo de sombra e expectativa, um casal de adolescentes está à beira de seu primeiro beijo.

Uma história delicada que fala sobre o tempo e o corpo adolescente: o nervosismo, o desejo, a timidez, o silêncio, a beleza do que ainda está por vir. Um beijo que caminha devagar, no ritmo dos titubeios da vida nessa fase.

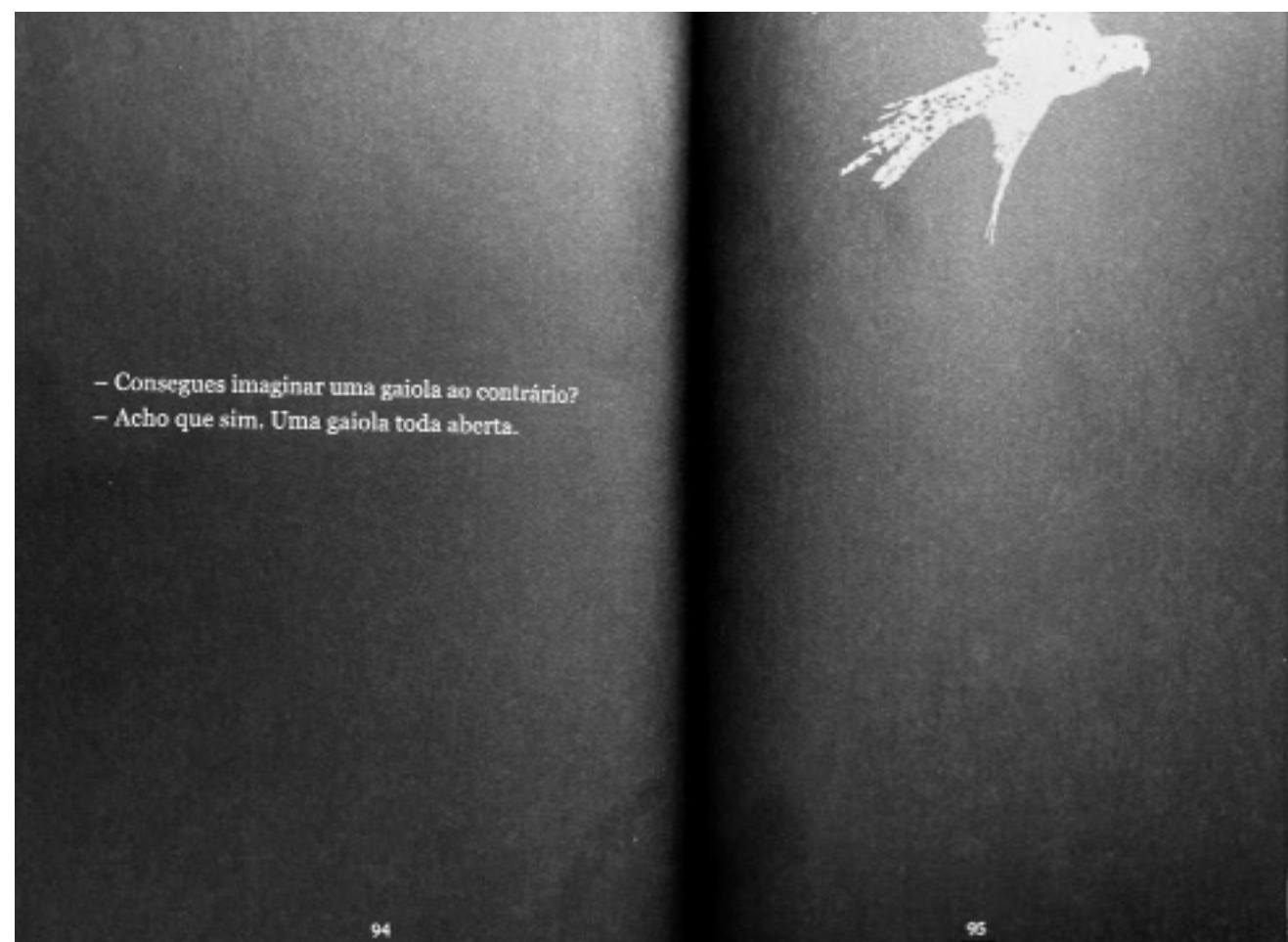
Por que trabalhar esse livro com jovens?

Porque ele fala da adolescência como ela é: cheia de incertezas, medos, vergonhas, desejos e encantamentos. E o diz com extrema sensibilidade.

Análise de conteúdo

A história se passa ao longo de uma única noite. À primeira vista, quase nada acontece: dois adolescentes, um apagão, alguns carros passando, a expectativa de um beijo. Mas é justamente essa aparente quietude que torna o livro tão potente. Ele nos convida a observar o tempo da adolescência — um tempo feito de incertezas, de hesitação, de espera. O próprio título já sugere essa ambiguidade: a escuridão é "bonita" porque guarda o mistério, o receio pelo que ainda não aconteceu.

Os diálogos seguem esse mesmo ritmo: são curtos, cheios de pausas, e marcados por palavras como "quase", "talvez", "se". Tudo ali aponta para o que está por vir, para o que ainda não se pode afirmar — e é exatamente isso que torna a narrativa tão especial.



- Consegues imaginar uma gaiola ao contrário?

- Acho que sim. Uma gaiola toda aberta.

As ilustrações de Gonçalves acompanham esse clima de suspensão. Elas não explicam, mas ampliam a sensação das cenas. Feitas em preto e branco, com uso expressivo de sombras, mostram personagens quase apagados, como se estivessem se escondendo. Os contornos sutis sugerem timidez, insegurança. O fundo escuro destaca pequenos gestos: uma ave voando, um olhar, mãos. E a luz dos faróis, que projeta o "cinema bu", funciona como um terceiro personagem: não diz nada, mas muda tudo.

Bibliografia selecionada

Ondjaki

Bom dia, camaradas

Cia. das Letras, 2001

Os da minha rua

Pallas, 2007

AvóDezanove e o segredo do soviético

Seguinte, 2008

O assobiador

Pallas, 2002

O tempo do cão

Pallas, 2025

Uma escuridão bonita

Pallas, 2013

António Jorge Gonçalves

O tempo do cão

Pallas, 2025 – com Ondjaki

Uma escuridão bonita

Pallas, 2013 – com Ondjaki

Desenhos efémeros

Orfeu Negro, 2018

Conversa com professora e professor

Olá, professora. Olá, professor.

Você já parou para pensar no poder que há em uma única imagem? E em quanto sentimento cabe em uma frase? Os livros de Ondjaki e António Gonçalves vão ajudá-lo a trabalhar isso.

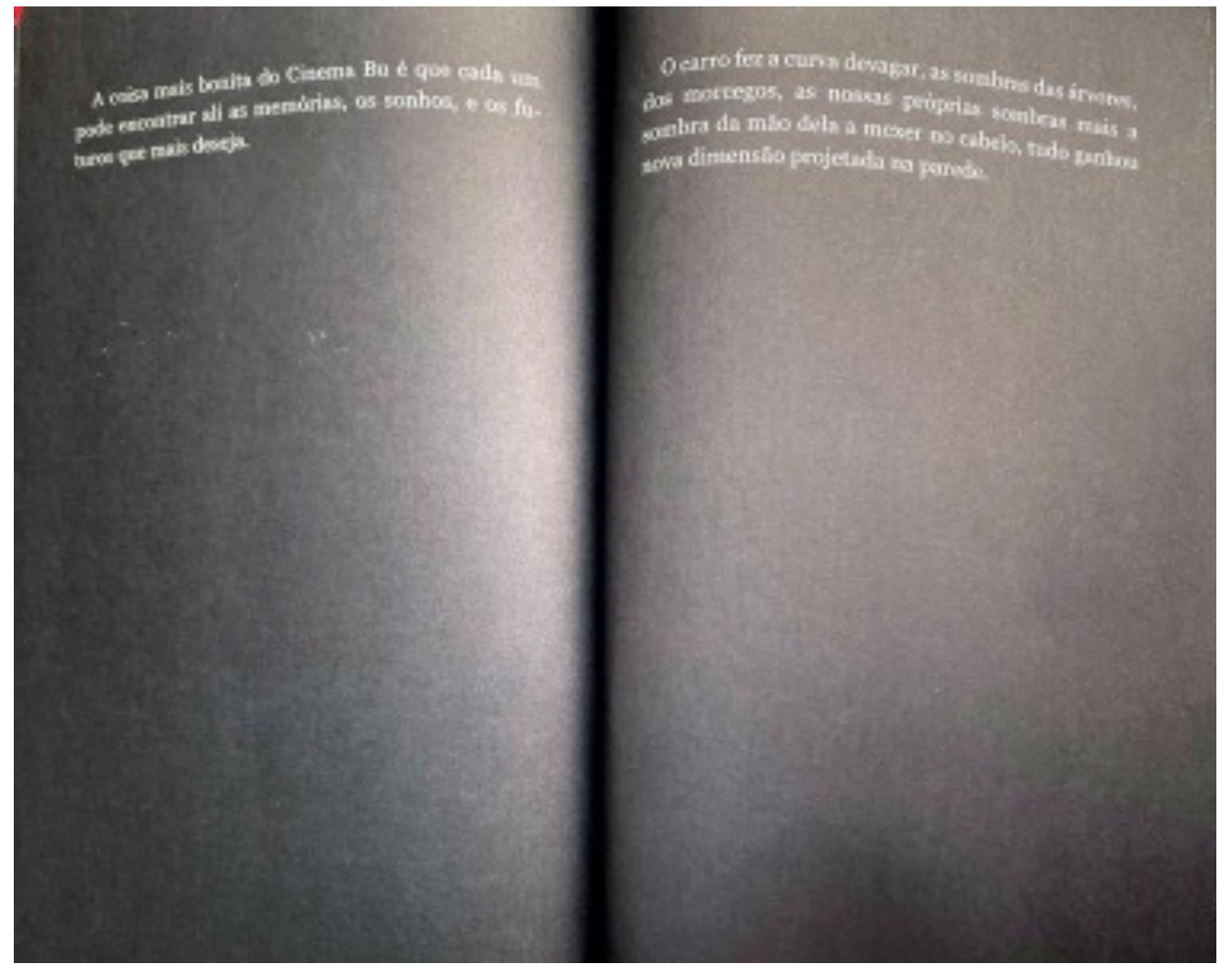
O tempo do cão e *Uma escuridão bonita* não trazem respostas nem explicações, apenas perguntas. Os livros podem ajudar os jovens a refletirem sobre um mundo envolto em guerra e violência, mas também povoado de amor e afeto. E fazem isso com uma delicadeza profunda.

São obras que tornam-se convites para a escuta sensível da juventude. Por isso, sugerimos que as leituras sejam vividas de maneira performática: leitura coral, projeções visuais (as páginas são ricas composições artísticas a serem exploradas), poesias declamadas etc. Aproveite!

Anexo

atividade "Cinema bu"

O cinema bu e a escuridão que mora em nós



Objetivos

- Apresentar aos estudantes o conceito de **Cinema Bu**, do livro *Uma escuridão bonita*.
- Estimular a sensibilidade dos jovens para momentos cotidianos cheios de poesia.
- Trabalhar a leitura literária, criação poética e expressão artística.
- Incentivar a escuta, a memória e a produção de narrativas afetivas.

Etapas

1. Aquecimento: O que é "Cinema Bu"?

No livro *Uma escuridão bonita*, o Cinema Bu é uma invenção poética criada por dois

adolescentes que vivem em Luanda. À noite, quando a luz acaba, eles se sentam na varanda da avó Dezanove esperando que algum carro passe com os faróis acesos. Se isso acontecer, e os faróis se projetarem nas paredes das casas, criando sombras e movimentos, então o Cinema Bu acontece. É um cinema que depende do acaso, da vida da rua e da escuridão. Um cinema da imaginação.

2. Momento coletivo

Pergunte a seus alunos: "O que é necessário para que o Cinema Bu aconteça?"

3. Experiência sensorial: criar o Cinema Bu na escola

- Um espaço escuro (pode ser uma sala de aula ou uma parte do pátio com cartolinas brancas na parede).
- Lanternas e/ou celulares com lanterna.
- Alguns objetos que projetem sombras (bonecos, galhos, tesouras, mãos, silhuetas de papel etc. – dê asas à criatividade dos alunos)

4. Dinâmica

- Divida a turma em pequenos grupos (máximo 4 ou 5 alunos).
- Cada grupo deve inventar uma "história das sombras", usando os elementos disponíveis.

Cada história deve durar no máximo 1 minuto.

- Um integrante de cada grupo conduzirá a luz (a pessoa que movimenta a lanterna), enquanto os outros fazem as cenas.
- Os demais grupos assistem, como no Cinema Bu.

4. Escrita criativa: a escuridão que mora em mim

- Convide os estudantes a escreverem um pequeno texto com o título: "**Minha escuridão bonita**". Pode ser uma carta, um poema, uma reflexão, um haikai, um meme, uma memória.
- Você pode basear-se em algumas perguntas disparadoras, por exemplo:
- Você já viveu uma noite sem luz? O que vivenciou?
- O que lhe acalma na escuridão?
- O que você mais gostaria de vivenciar numa noite de Cinema Bu?
- Pergunte a seus alunos uma trilha sonora que gostariam que os inspirasse a escrever. Deixe que os jovens indiquem a trilha.

- Baixe as luzes, projete sombras ao fundo e partilhe com a turma as reflexões e textos produzidos. Quem não quiser ler pode escrever num mural coletivo (ou projetar nas luzes) um trecho de seu texto.

Conclua pedindo a cada aluno para contar:

- uma palavra que define essa aula;
- um sentimento que ficou.

A black and white portrait of Gaël Faye, a young man with dark hair and freckles, looking slightly to the right. The image is partially obscured by the text overlay.

Gaël Faye

Pequeno país, grandes vozes

Notas biográficas do autor

Gaël Faye nasceu em 1982, no Burundi, filho de mãe ruandesa e pai francês. É cantor e compositor franco-ruandês. Gaël é tudo ao mesmo tempo: rapper, compositor, poeta e romancista. Mas talvez, acima de tudo, seja um sobrevivente da memória – alguém que transforma as distâncias em ritmo e as lembranças em palavra. Seu trabalho, em versos ou em melodia, reflete esse desejo de

revelar o que ficou para trás e o que ainda vive dentro.

Seus álbuns solo incluem *Pili Pili sur un Croissant au Beurre* (2013), *Des Fleurs* (2018), *Lundi Méchant* (2020) e *Mauve Jacaranda* (2022).

Seu primeiro romance, ***Petit Pays***, escrito em 2016 e publicado na França pela Grasset, recebeu nada menos que 13 prêmios literários, incluindo o Prix du Roman Fnac e o prestigioso Prix Goncourt des lycéens. Na obra, Gaël narra a infância em meio à guerra civil no Burundi e ao genocídio de Ruanda, com uma linguagem que combina lirismo e denúncia.

Em 2024, na França, Gaël publicou ***Jacaranda*** (Grasset), ganhador do Prix Renaudot.

O romance apresenta quatro gerações devastadas pelo genocídio tútsi, em Ruanda, e pelas mãos de dois amigos, Stella e Milan, visa celebrar o florescimento pelo diálogo e pelo perdão. ***O tédio das tardes sem fim***, de 2023, produzido em parceria com o ilustrador francês Hippolyte, é dirigido às crianças.

Para os jovens da FlipZona, Gaël é uma voz que atravessa linguagens e fronteiras. Por meio do rap e de suas obras ele fala sobre pertencimento, identidade, violências e deslocamentos — temas cruciais na vida de muitos adolescentes de Paraty e de tantos outros territórios.

Livros em destaque: Convite à leitura

Livro 1:

***Pequeno país (2016)*, de Gaël Faye**

Editora Carambaia

Gaby é um menino de 10 anos que vive no Burundi. Filho de pai francês e mãe ruandesa, leva uma vida tranquila com os amigos na rua, árvores de manga e tardes preguiçosas... até que tudo muda, primeiro com a separação dos pais e, em seguida, com a explosão da guerra civil entre tútsis e hútus. O genocídio começa. A infância acaba antes da hora, e Gaby é levado a partir para viver na França. Duas décadas depois, ele está de volta ao seu país natal.

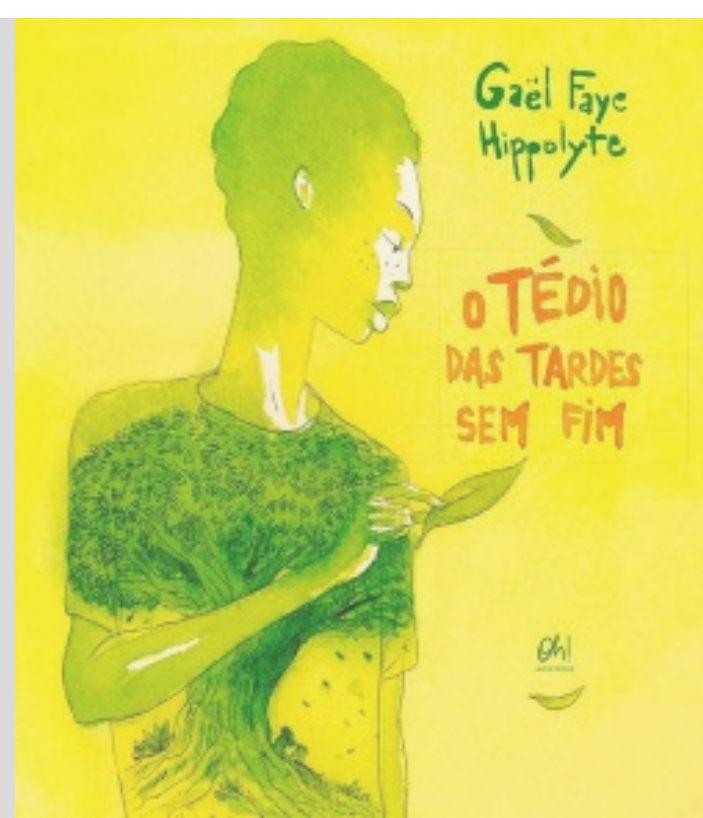
Neste livro, Gaël Faye escreve com o olhar de quem lembra — e, por lembrar, resiste. A linguagem é lírica, leve, mas o conteúdo é denso, dolorido, necessário. A narrativa alterna o olhar infantil com o desencanto do adulto exilado que volta ao país e já não o reconhece.

Por que trabalhar esse livro com jovens?

Porque muitos adolescentes sabem, na pele, o que é o deslocamento — seja físico, afetivo ou

simbólico. Muitos já sentiram que seu "país" (ou casa, ou corpo, ou identidade) está em guerra. E também sabem o poder de resistir pela arte.

Esse livro permite conversas profundas sobre racismo, refúgio, perda, pertencimento, infância interrompida e reconstrução de identidade. E faz isso sem subestimar o jovem leitor. Ao contrário: convida-o a ver o mundo com olhos mais atentos e mais empáticos.



Livro 2:

O tédio das tardes sem fim (2023)

Texto de Gaël Faye, ilustrações de Hippolyte
Editora Oh! Outra História

Quem vive hoje colado nas redes sociais talvez não compreenda. Mas há alguns anos, quando éramos crianças e chegávamos da escola, tínhamos de usar e abusar da imaginação para inventar brincadeiras e passatempos que preenchessem nossa existência. O "tédio" das tardes de nossa infância era uma viagem que nos permitia fabricar sonhos, ideias, mundos que só encontravam espelho nas nossas cabeças. E é assim, com esse tédio produtivo no ar, que o escritor e compositor Gaël Faye

rememora seus dias de garoto no Burundi, onde nasceu.

Por que trabalhar esse livro com jovens?

Embora tenha sido escrito com foco na infância, o livro traz elementos simbólicos, afetivos e estéticos que abrem muitas possibilidades de leitura com adolescentes. Ele propõe uma reflexão sensível sobre o tempo da espera, o olhar da criança sobre o mundo e a potência da imaginação em contextos de imobilidade ou silêncio coletivo.



Análise de conteúdo

A escrita é simples, mas carrega um ritmo poético. O narrador, um adolescente, cria imagens com as palavras, renomeia o mundo com o que vê, sente ou imagina. Não há conflitos, nem clímax. É o tempo que marca a narrativa, como na infância.

Veja como o título, que fala do tédio, conflita com o ritmo e clima de todo o livro. O menino encontra-se em um lugar idílico, protegido, paradisíaco. Tudo parece parado, mas é nesse tédio que o garoto ativa sua imaginação. Ele

inventa ventos, mundos, rotas, brincadeiras. Tudo se transforma.

Para adolescentes e jovens, o tempo pode ser lido como local vazio ou de espera, algo muito presente em suas vidas – especialmente em contextos de falta de acesso, violência ou ausência de perspectiva. Mas também pode ser transformado em espaço de invenção. O livro convida os jovens a pensarem no tempo ocioso como tempo criativo – um contraponto importante à lógica acelerada e ansiosa das juventudes e das redes sociais.

Além disso, repare que, apesar de o protagonista ser uma criança, o autor não subestima seu personagem. Ele fala com delicadeza e confiança. Essa camada simbólica é o que permite que o livro toque também leitores mais velhos. O clima abafado, a chuva, a sombra da mangueira, a vegetação, a sonolência da vila – tudo isso também pode ser lido como metáfora do tempo suspenso da juventude em comunidades periféricas e/ou esquecidas.

Será que esse título não trará boas perguntas disparadoras? **"O que você faz quando sente tédio?"**

Bibliografia do autor (seleção)

Pequeno país

Carambaia, 2016

L'ennui des après-midi sans fin

poesia, 2020

Pili Pili sur un croissant au beurre

álbum de rap, 2013

Rythmes et Botanique

EP, 2017

Des Fleurs

2018

Lundi Méchant

álbum de música, 2020

Mauve Jacaranda

2022

Conversa com professora e professor

Olá, professora. Olá, professor.

Você já ouviu uma aula que parecia música, ou sarau? Ou um poema que parecia uma lembrança que você não sabia que tinha?

É assim que soa o trabalho de Gaël Faye. Uma mistura de linguagens, ritmos, línguas, sentimentos. Sua literatura não é só sobre um lugar — é sobre reinventar um país dentro da gente.

O encontro literário da FlipZona com Gaël Faye nasceu para ser muito mais que uma conversa. Nela, os jovens assumem o centro da cena ao criar vídeos, poemas, raps e perguntas que ultrapassam os livros do autor. Que tal experimentar isso com seus alunos?

“Dá pra ter mais de um país dentro da gente?”

“Em que língua você sente saudade?”

“O que lhe faz transbordar mais sentimentos: o rap ou a literatura?”

Essas perguntas também poderiam surgir na sua sala de aula. Porque muitos estudantes vivem entre margens: migram entre bairros, entre casas, entre identidades, entre linguagens. E mesmo que não haja uma guerra civil oficializada, muitos enfrentam outras batalhas todos os dias: preconceitos, invisibilidades, violências, silenciamentos.

Aproveite as perguntas para incentivar a realização de um **Slam literário** entre seus alunos — batalha poética a partir de temas significativos às juventudes.

São propostas que não precisam de grandes recursos. Só pedem diálogo, escuta, confiança. Porque os jovens têm muito o que dizer. O que falta, muitas vezes, é um lugar onde possam dizer com verdade — e sem medo.

Atividade 1

Slam Literário

Objetivo

Estimular a expressão poética dos estudantes por meio de uma batalha de rimas criativa e pela improvisação, abordando temas como adolescência, pertencimento, medos,

identidade, entre outros a serem escolhidos pelos próprios jovens.

Etapas

- Inicie com a leitura de trechos do livro *Pequeno país* e de poemas de Gaël Faye. Faça uma busca no Youtube e no TikTok, há vários vídeos de Gaël que podem ser usados.
- Apresente o conceito de **slam**: poesia falada, improvisada, com performance, emoção e força. Ouça à competição de poesia que aconteceu na edição de 2019 da **Flip – Festa Literária Internacional de Paraty**, neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=QASGpMIRYhM>
- Divida os alunos em grupos de três ou quatro. Cada grupo escolhe um tema.
- Dê tempo para os estudantes criarem seus slams. Incentive o uso de rimas, pausas, repetições, ritmo corporal.
- Organize a "batalha": um palco simbólico, plateia atenta e apresentações em duelos poéticos.
- Estimule a escuta e o acolhimento. Lembre-se: não é uma competição, o foco é na expressão e na partilha. Afinal, todos vencem quando se expressam com verdade.

Atividade 2

RAP é palavra com batida

Objetivo geral

Trabalhar o rap como forma de expressão crítica e poética das juventudes, explorando as letras e músicas de Gaël Faye como ponto de partida para a criação autoral dos estudantes e para a leitura crítica do mundo por meio da arte.

Etapas

1. Abertura: o que o rap diz? (15 min)

- Rodinha de conversa: o que os estudantes escutam? O que o rap representa para eles?
- Exiba o clipe ou áudio da música **"Petit Pays"** ou **"Tôt le matin"** de Gaël Faye (com tradução da letra). Você pode pesquisar letras em: <https://www.lettras.mus.br/>
- Perguntas para provocar:
 - Que imagens essa música traz?
 - Você se identificou com alguma parte?
 - Para você, essa música fala de quê?

2. Leitura e análise: o rap como poema (20 min)

- Distribua (impresso ou projetado) um trecho da música **"Tôt le matin"** ou **"Ma femme"**.
- Leitura coletiva e interpretação:
- Que metáforas aparecem?
- Qual a emoção por trás do texto?
- O que ele está denunciando ou celebrando?
- Quais são seus trechos preferidos? Por quê?

3. Criação poética: "Minha batida fala" (30 min)

- Proponha que os estudantes (em grupos) escrevam um **rap-poema autoral**, inspirado no estilo de Gaël Faye.
- Após escreverem, escolham alguns para leitura/declamação (slam livre, sem pressão).

4. Finalização: gravação ou encenação (30 min ou tempo extra)

- Se possível, peça a um jovem que grave as apresentações (com consentimento).
- Os estudantes podem criar um beat básico (pode ser até batucada com o próprio corpo).

- Escolha junto com os grupos um nome e editem um vídeo curto (até 2 min).

Anexo

Você conhece a diferença entre Hip Hop e Rap?

Hip hop é uma cultura.

O **rap** é uma das expressões dessa cultura.

O **hip hop** nasceu nos anos 1970, nos bairros negros e latinos do Bronx (Nova York), como forma de resistência cultural e afirmação identitária. Não é apenas um estilo musical – é um movimento cultural e político, composto de quatro elementos principais:

Rap (MCing) – A rima falada, a poesia com batida. É o "canto" do hip hop.

DJing – A arte dos toca-discos, das batidas e das bases musicais.

Breaking (breakdance) – A dança de rua com movimentos expressivos e acrobáticos.

Graffiti – A arte visual nos muros expressando identidade, protesto, beleza.

Fonte: *Kugelberg, Johan (2007). Born in the Bronx. New York: Oxford University Press. p. 17.*



Notas biográficas

Raphael Montes nasceu em 1990, no Rio de Janeiro. É formado em Direito, mas se destacou ainda jovem como escritor de romances de suspense psicológico. Começou a escrever contos na adolescência e, aos 13 anos, já era conhecido entre colegas por suas histórias de terror e mistério.

Seu primeiro romance, ***Suicidas*** (2012), foi finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Biblioteca Nacional, e adaptado para o teatro em 2015. Depois disso, consolidou sua carreira como autor de *thrillers*. Em 2016, lançou ***Bom Dia, Verônica*** (Darkside), sob o pseudônimo Andrea Killmore, em coautoria com a

criminóloga Ilana Casoy – o livro foi adaptado para a série homônima da Netflix.

Em 2024, publicou ***Uma família feliz***, obra que aborda temas como depressão pós-parto e justiça. O livro figurou na lista de mais vendidos da revista *Veja* e foi adaptado para o cinema, ampliando sua presença como roteirista e autor multimídia.

Mariana Salomão Carrara é paulistana, nascida em 1986. Escritora e defensora pública, tem uma produção literária marcada por sensibilidade poética e profundidade emocional. Escreve romances, contos e livros infantis, com destaque para a forma como aborda as dores íntimas e os silêncios não resolvidos.

Sua obra ***Não fossem as sílabas do sábado*** (Todavia, 2022) recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura 2023 como Melhor Romance do Ano. Mariana também escreve roteiros e, em 2019, foi finalista do Prêmio Guiões (Portugal) com o roteiro do longa-metragem *É lá que eu quero morar*.

Seu primeiro livro infantil, ***Sabor paciência***, foi lançado pela editora Todavia em 2025.

Livros em destaque: Convite à Leitura



***Jantar secreto*, Raphael Montes**

Companhia das Letras, 2016

Um grupo de jovens do interior se muda para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades. Com dificuldade para manter o aluguel e a faculdade, decidem organizar jantares secretos para a elite carioca. O que começa como um plano para ganhar dinheiro evolui para práticas moralmente questionáveis. O livro propõe um suspense ético e visceral abordando sobrevivência, desejo de pertencimento e os limites entre o certo e o inaceitável.

***Não fossem as sílabas do sábado*,**

Mariana Salomão Carrara

Todavia, 2022



Depois de uma tragédia inesperada, duas mulheres – Ana e Madalena – têm suas

vidas entrelaçadas pelo luto. O marido de uma comete suicídio, matando acidentalmente o companheiro da outra. O romance segue uma estrutura não linear, conduzida por uma linguagem lírica, fragmentada e afetiva. A narrativa trata da dor, da maternidade, da culpa e da possibilidade de vínculo entre pessoas marcadas por uma mesma ausência.

Dois estilos, mesmas dores

Apesar de estilos muito diferentes, tanto Raphael Montes quanto Mariana Salomão Carrara escrevem sobre feridas emocionais: aquelas que não se veem, mas moldam profundamente quem somos. Seus personagens enfrentam traumas, obsessões, culpas e silêncios – cada autor a seu modo.

Montes é conhecido por seus romances de suspense psicológico, com ritmo ágil, narrativa direta e alto grau de tensão. Sua linguagem é seca, objetiva, e raramente explica emoções: os personagens são compreendidos pelos seus atos – muitas vezes perturbadores. Em ***Dias perfeitos***, acompanhamos um protagonista obsessivo; em ***Jantar secreto***, jovens são levados a escolhas extremas por pressão financeira e desejo de ascensão. Seus livros levantam perguntas éticas fundamentais: *até onde somos capazes de ir por aceitação ou sobrevivência?*

"Tudo na vida tem um começo, um meio e um foda-se." – Raphael Montes

Carrara, por outro lado, escreve com lirismo e delicadeza. Sua narrativa é introspectiva, feita de pausas, hesitações e silêncio. Ela não narra grandes acontecimentos, mas o que sobra depois deles. Em ***Não fossem as sílabas do sábado***, duas mulheres lidam com o mesmo trauma a partir de experiências afetivas distintas. A escrita é fragmentada, suave e ao mesmo tempo densa, abrindo espaço para que o leitor sinta mais do que entenda.

"Mas é importante para as tragédias que elas sejam descobertas imediatamente, porque cada segundo que elas passam ocultas vira um ano a mais de luto." – Mariana Salomão Carrara

Essa comparação é especialmente potente para trabalhar com jovens, pois mostra que a literatura não precisa ser igual para ser impactante. Um autor provoca tensão; o outro, introspecção. Mas ambos tratam da dor como parte da condição humana. Ao trazer essas obras para o universo juvenil, abrimos espaço para que os leitores se reconheçam nas ansiedades, dúvidas e feridas dos personagens — e, a partir disso, pensem em como lidar com as próprias experiências.

Bibliografia selecionada

Raphael Montes

Suicidas

2012

Dias perfeitos

2014

O Vilarejo

2015

Jantar secreto

2016

Bom Dia, Verônica

2016 (com Ilana Casoy)

Uma mulher no escuro

2019

A mágica mortal: uma aventura do Esquadrão Zero

2023

Uma família feliz

2024

Mariana Salomão Carrara

Delicada uma de nós

contos, Off Flip, 2015

Idílico

2007

Fadas e copos no canto da casa

2017

Se Deus me chamar, não vou

2019

É sempre a hora da nossa morte, amém

2021

Não fossem as sílabas do sábado

2022

Sabor paciência (infantil)

2025

A árvore mais sozinha do mundo

2024



Sérgio Vaz e Flávio de Araújo

Notas biográficas

Sérgio Vaz, mineiro radicado em São Paulo, Sérgio Vaz tem mais de 36 anos dedicados à poesia, muitos deles publicando de forma independente. É cofundador do Sarau da Cooperifa, movimento cultural que, desde 2001, transforma o Bar do Zé Batidão, na periferia da zona sul de São Paulo, em um vibrante centro cultural todas as terças-feiras.

Em 2007, em parceria com coletivos da região, foi um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna da Periferia, contribuindo para o fortalecimento da chamada literatura periférica. É também criador de diversos projetos de mobilização cultural como Cinema na Laje, Prêmio Cooperifa, Poesia no Ar e Natal com Livros. Além disso, leva o projeto Poesia Contra Violência a escolas públicas, promovendo recitais e

conversas sobre poesia e incentivo à leitura, aproximando os estudantes da literatura.

Flávio de Araújo, poeta, escritor e educador popular. Caiçara de origem, é filho de pescadores da comunidade da Praia do Sono, em Paraty (RJ). Desde o lançamento do livro *Zangareio* (Editora Selo Off Flip), vem participando como autor convidado em eventos literários no Brasil e no exterior, além de publicar em coletâneas e plataformas digitais.

Seu trabalho se destaca pela valorização da oralidade, da memória e do território tradicional. Atua em escolas públicas da região de Paraty com ações de formação e partilha de saberes locais. Seu livro mais recente, *Almanaque cabeça de maré* (Polo Sesc/Paraty), reúne ditos populares, linguagem caiçara e registros do cotidiano das comunidades costeiras, afirmando a potência dessa cultura em forma de poesia.



Livros em destaque: Convite à Leitura



O colecionador de pedras

Sérgio Vaz

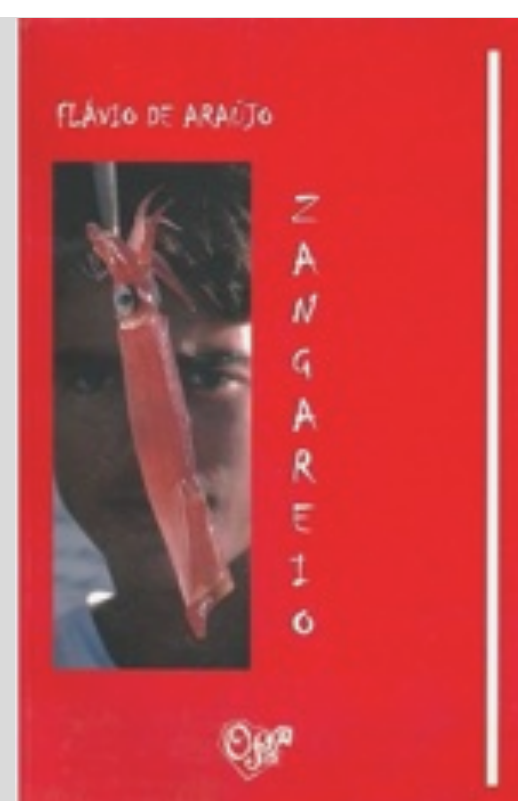
Global Editora, 2021



Almanaque cabeça de maré

Flávio de Araújo

Edições Sesc, 2024



Zangareio

Flávio de Araújo

Edições Caiçaras

Duas vozes potentes das margens – **Flávio de Araújo**, de Paraty, e **Sérgio Vaz**, de São Paulo – se encontram para falar de palavra e ação coletiva. Ambos são escritores, educadores e ativadores culturais, profundamente ligados à vida comunitária de seus territórios. Mais que autores, são formadores de redes, promotores de escuta e mobilizadores de juventudes.

Com suas obras e trajetórias, mostram que a literatura pode nascer da maré, da quebrada, da roda de conversa, do microfone aberto, e que a palavra é instrumento de identidade, resistência e transformação.

"A literatura na periferia não tem descanso, a cada dia chegam mais livros. A cada dia chegam mais escritores, e mais leitores. Só os cegos não querem enxergar este movimento que cresce a olho nu." (Sérgio Vaz)

Por que trabalhar esses autores com as juventudes?

Porque **Sérgio Vaz** e **Flávio de Araújo** pensam a literatura como uma prática social viva, enraizada no território e no cotidiano. Suas trajetórias nos mostram que a escola, o morro, a beira do rio ou o bairro da periferia são também lugares de produção de pensamento e de beleza.

Eles não escrevem apenas sobre suas vivências: criam redes, escutam histórias,

formam leitores e poetas em espaços onde a palavra muitas vezes chega com atraso. Trabalhá-los com os jovens é falar de pertencimento, de autoria e de poder coletivo.

Sérgio Vaz, o poeta da periferia

Criador da **Cooperifa** (Cooperativa Cultural da Periferia), por mais de duas décadas Sérgio Vaz transformou o Capão Redondo em centro pulsante de poesia e pensamento. Os saraus organizados por ele reuniam centenas de pessoas – estudantes, trabalhadores, artistas – com direito à fala.

"Dei-lhe um acróstico bem forte na cara. Ficou com a rima quebrada por uma semana." (SV)

Sua obra *O colecionador de pedras* é um retrato da quebrada que pensa, que sonha, que protesta. Seus poemas falam de exclusão, mas também de amor, paternidade, escola, juventude e fé no futuro. Trabalhar Sérgio Vaz com estudantes é abrir espaço para que cada um encontre sua voz – mesmo quando o mundo insiste em silenciá-la.

"Onde faltar palavra, repartir a ação." (SV)
*"A selva me espera
e, ingênuo,
reúno meu exército
para batalhas que se travam nas sombras."
(SV)*

Flávio de Araújo, a palavra caiçara

Poeta, educador e cirandeiro de Paraty, Flávio escreve com os pés no mar e no céu. Seu livro *Zangareio* nasce desse movimento – da água, da infância, da memória. Já no *Almanaque cabeça de maré*, ele amplia esse gesto trazendo poemas, ditos populares, curiosidades ambientais e afetos locais.

Mas Flávio vai além do texto: ele atua com formações para professores, rodas com jovens, oficinas nas roças e aldeias, sempre apostando na oralidade, na escuta e no saber partilhado. Para ele, a literatura é instrumento pedagógico, político e afetivo.

"Passarinho na gaiola nunca fez casa feliz."
(FA)

"Também é fazedor de trilhos quem espera o amor na estação." (FA)

*"Puxa a rede, pescador,
é tua sina.
Como alguém que doma
um cavalo pela crina."* (FA)

Para experimentar com seus alunos

Palavra como território – Convide os jovens a escolher uma palavra que represente o lugar onde vivem. Escrevam poemas, pequenos relatos ou versos com base nessa palavra e organizem um "muro de palavras" na escola – um painel visual, um mapa afetivo da turma.

Sarau da escola – Inspirados pelos saraus da Cooperifa, organize um microfone aberto com os estudantes. Tema livre, tempo curto. O mais importante é garantir um espaço de escuta real, onde cada um possa dizer – por meio de versos, músicas, expressões – sua dor, seu riso.

Zangareio de memórias – Inspirado no livro *Zangareio*, proponha aos jovens que recolham histórias das suas comunidades – falas de avós, pescadores, caiçaras, quilombolas, indígenas ou moradores antigos. Podem escrever, gravar ou ilustrar essas memórias, criando um "mapa de histórias" da região.

Ficha técnica Educativo Flip 2025

Conselho Flip

Liz Calder (presidente)

Belita Cermelli

Carlos Augusto Calil

Esther Hamburger

Louis Baum

Mauro Munhoz

Conselho Fiscal

Adelmo Nunes Pereira

Direção de Cultura e Educação

Belita Cermelli

Gestão

Mariana Benchimol (gestão executiva)

Andresa Prado (gestão operacional)

Luis Filipe Pôrto (gestão curatorial e de conteúdo)

Comunicação e Relacionamento

Juliana Gola (coordenação comunicação)

Dárkon V. Roque (design gráfico)

Julianna Henriques (relações públicas)

Gilmara Kíria (articulação comunitária)

Tayná Pádua (comunicação)

Rebeca Hidalgo (assessoria de comunicação)

Agatha Tavares (estagiária)

Rebecca Macedo (estagiária)

Projetos

FlipZona

Lucia Caetano (coordenação geral)

Anna Eunice Ferreira de Mello (educadora)

Ações de permanência

Helô Pacheco (coordenação pedagógica)

Maia Pigot (monitoria)

Flipinha

Conselho curatorial 2025:

André Gravatá

Daniel Kondo

Geni Nunez

Julia Medeiros

Nina Rizzi

Waldete Tristão

Operações Flip

Marco Cachada (administração)

Patrocínios e parcerias

Claudia Jovino (coordenação de patrocínios e parcerias)

Janaína Fainer (analista de patrocínios e parcerias)

Flávio Pereira (analista de patrocínios e parcerias)

Gláucia Tiemi (assistente de patrocínios e parcerias)

Pedro Lopes (assistente de patrocínios e parcerias)

Matheus Pestana (assistente de patrocínios e parcerias)

Produção

Lucineide Silva (coordenação geral de produção)

Maíra Reis (produção local)

Cristiane Almeida (produção)

Vivi Rapuano (produção)

Og Torres (coordenador de campo)

Juliana Pinheiro (logística)

Kadu Rocha (coordenação de montagem)

Adriana Salomão (produção educativo)

Patrícia da Conceição (produção educativo)

Luana Reis (produção educativo)

Olga Gama (produção educativo)

Arquitetura cênica

Mauro Munhoz (direção)

Carmela Rocha (coordenação)

Matheus Romanelli (arquiteto)

Carolina Wieck (arquiteta)

Amanda Camara (arquiteta)

Administrativo-financeiro

Luana Lima (coordenação administrativa financeira)

Lígia Andrade (analista administrativo/financeiro)

Raquel Carvalho (assistente administrativo)

Ed Neto (coordenação de departamento pessoal)

Tatiana Rangel (assistente de departamento pessoal)

Maria Fernanda Paiva (assistente de departamento pessoal)

Consultorias

CQS/FV - Cesnik, Quintino, Salinas, Fittipaldi e Valerio Advogados (assessoria jurídica)

Pinheiro Neto Advogados (assessoria jurídica)

Adani Advogados (assessoria jurídica)

Ana Maria B. Lima (assessoria em leis de incentivo)

Renata Figueiredo (assessoria em leis de incentivo)

Mais Diferenças (acessibilidade)



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



patrocínio jequitibá



patrocínio figueira



patrocínio guapuruvu



patrocínio cedro



apoio institucional



criação e realização

casaAzul



MINISTÉRIO DA
CULTURA

